

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DO DEPUTADO CRISTIANO

LIDO
Em 11/06/08
Estor
Assessoria do Plenário

RQ 1001/2008

REQUERIMENTO Nº
(Do Senhor Deputado CRISTIANO ARAÚJO e outros)

Às Presenças Legislativas para registro e, em seguida,
à Assessoria do Plenário,
12/06
Assessoria do Plenário e Distribuição
[Assinatura]
Márcio Antônio de Jesus
Chefe da Assessoria
Matr. 10694-34

Requer a instauração de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar as causas da violência contra professores da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal:

Requeremos, com fulcro nos artigos 72, 73 e 74 do Regimento Interno desta Casa, a instauração de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar as causas da violência contra professores da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

JUSTIFICAÇÃO

Infelizmente virou rotina a violência sofrida por professores da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, na maioria das vezes praticadas pelos próprios alunos.

Segundo dados oficiais 06 (seis) professores são agredidos por semana nas escolas públicas do Distrito Federal. São, aproximadamente, 1.400 (mil e quatrocentas) agressões por ano, o que é um absurdo e um desrespeito a própria educação.

Não há como formar cidadãos adequadamente diante de tal calamidade. Da mesma forma, não é bastante ficarmos apenas discutindo as possíveis causas de tamanha violência. Devemos nos aprofundar no assunto, pois somente assim seremos capazes de apresentar as soluções que possam atenuá-la.

Destarte, propomos a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar o caso, e que nos permita, ao final dos trabalhos, apresentar uma radiografia correta sobre as causas que têm levado os professores a serem violentados em seu ambiente de trabalho, além de propor mudanças que visem protegê-los.

Diante do exposto, rogamos aos nobres pares o apoio para a aprovação deste Requerimento.

Sala das Sessões, em.....

DEPUTADO CRISTIANO ARAÚJO

DEPUTADO ALÍRIO NETO

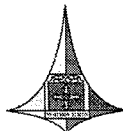
DEPUTADO BATISTA DAS COOPERATIVAS

DEPUTADO BENÍCIO TAVARES

PROTÓTIPO DE PLANO
Recebi em 10/06/08
23.243-2

PROTOCOLO LEGISLATIVO
RQ Nº 1001/08
Fls. Nº 01

[Assinatura]



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DO DEPUTADO CRISTIANO ARAÚJO

DEPUTADO BERINALDO PONTES

DEPUTADO BISPO RENATO

DEPUTADO BRUNELLI

DEPUTADO CABO PATRÍCIO

DEPUTADO CHICO LEITE


DEPUTADO DR. CHARLES

DEPUTADA ÉRIKA KOKAY

DEPUTADA EURIDES BRITO


DEPUTADA JAQUELINE RORIZ

DEPUTADO LEONARDO PRUDENTE


DEPUTADA LÚZIA DE PAULA


DEPUTADO MILTON BARBOSA


DEPUTADO PAULO RORIZ

DEPUTADO PAULO TADEU


DEPUTADO PEDRO DO OVO

DEPUTADO RAAD MASSOUH


DEPUTADO REGUFFE


DEPUTADO ROGÉRIO ULISSES

DEPUTADO ROBERTO LUCENA

DEPUTADO WILSON LIMA

PROTOCOLO LEGISLATIVO
RQ Nº 1001 108
Fis. Nº 02 <i>Paula</i>

TRIBUNA DO BRASIL

Grande Brasília

Comunidade cobra fim da violência nas escolas

Autor: Carol Kleszcz

Revoltados com tanta violência nas escolas, a direção da Central Única dos Trabalhadores do Distrito Federal (CUT-DF), do Sindicato dos Professores (Sinpro-DF) e representantes do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 04, de Ceilândia, se reuniram ontem com o diretor-geral da Polícia Civil, Cléber Monteiro, na CPE, para pedir agilidade no processo de apuração e a punição dos agressores do professor de História, Valério Mariano, 41 anos.

O professor Valério foi chutado e espancado no dia 29 de maio pelo ex-aluno na CEF 04, Laerte Furtado, após tentar impedir que ele jogasse pedras e danificasse os carros dos professores, que estavam no estacionamento da escola. O professor recebeu alta do hospital no dia seguinte ao incidente e se recupera em casa. De acordo com informações da rede pública de ensino do DF, o Mariano ainda sente muitas dores. Furtado foi aluno de Valério e teria sido expulso da escola por praticar vários delitos.

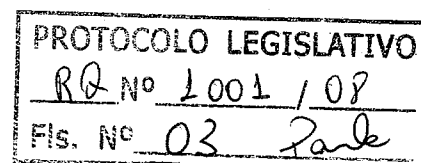
Na reunião, o diretor-geral da PCDF afirmou que o fato já estava apurado e que faltava apenas ouvir o depoimento do professor para a conclusão do laudo. Mariano esteve na 15ª DP durante toda tarde de ontem e prestou depoimento ao delegado-chefe da DP, Adval Cardoso de Matos. O delegado afirmou que tanto Laerte quanto seu primo, Leonardo Henrique Alves Pereira, 19 anos, que também participou da ação contra o professor, já foram ouvidos e que os autores serão indiciados pelo crime. Para o diretor da PCDF, a penalidade dos agressores ficará a cargo da Justiça. "Após a conclusão do laudo, será encaminhado um inquérito para a Justiça e o promotor vai decidir qual será a punição", diz.

Segundo a presidente da CUT-DF, Rejane Pitanga, a Polícia Civil se comprometeu a agilizar o processo e também a fornecer dados de pesquisas sobre violência nas escolas. Em função disso, será realizada, ainda nessa semana, uma manifestação com a participação de alunos, professores e funcionários na CEF 04. A data será decidida hoje.

Rejane afirma que além de manifestações é preciso campanhas educativas para combater a violência. "No próximo dia 17, nós vamos promover uma campanha de combate à violência nas escolas e também divulgar o Disk violência nas escolas", afirma.

O delegado da 15ª DP afirmou que todas as escolas da região já receberam os telefones da delegacia e até mesmo seu próprio celular par denunciar atos similares à DP. "O policiamento ostensivo cabe à Polícia Militar, mas todas as escolas foram orientadas e, se recebermos alguma denúncia, iremos agir imediatamente."

Fonte : Tribuna do Brasil
Data : 03 de junho de 2008



JORNAL da CIÊNCIA

e-mail

Terça-Feira, 10 de junho de 2008

Professores apontam violência nas escolas

Fernanda Mena e Cláudia Collucci escrevem para a 'Folha de SP':

A lousa, o caderno, o lápis e a borracha, tão comuns à sala de aula, não é de hoje convivem com o porte de armas, a atuação de gangues e do tráfico de drogas, o furto e a agressão física e verbal.

'Violência contra o professor é a coisa mais comum que há em escolas. Todos têm uma história para contar', diz o professor de geografia do ensino fundamental e médio João (todos os nomes de professores são fictícios), 38.

O depoimento de João ilustra bem o resultado de um estudo inédito da Unesco (órgão das Nações Unidas para educação e cultura). Intitulada Pesquisa de Vitimização, o estudo entrevistou, em 2003, 2.400 profissionais de seis capitais brasileiras (SP, Rio, Salvador, Porto Alegre, Belém e Distrito Federal) e apontou que 86% deles admitem haver violência em seu local de trabalho.

Segundo a pesquisa, mais de 50% dos professores afirmam haver casos de furtos nas escolas onde trabalham. Um em cada dez conhece casos de gangues e de traficantes atuando nas instituições. E 30% já viram algum tipo de arma nas mãos de seus alunos.

Adriana, 36, foi ameaçada por um aluno que fumava maconha dentro da sala e que afirmou conhecer sua casa. Artur, 30, foi assaltado no estacionamento do próprio colégio por alunos encapuzados. João mesmo tem as suas histórias: foi ameaçado de morte. Há um ano, quando alunos começaram a levar bebidas alcoólicas para a aula, ele resolveu chamar a atenção de um garoto. 'Ele não gostou e quis crescer diante dos colegas me ameaçando. Disse: 'Aqui dentro, o senhor pode mandar. Mas, lá fora, o senhor pode até perder a cabeça. Alguém pode cortar ela fora'', conta.

Adriana, professora de português concursada há dez anos, conta ter tirado duas licenças, alegando motivos médicos, por conta de violência sofrida na escola.

O terror é tanto que nenhum quis ser identificado. Segundo Juçara Dutra Vieira, 54, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, a lei do silêncio predomina entre profissionais que trabalham em escolas em áreas de tráfico de drogas.

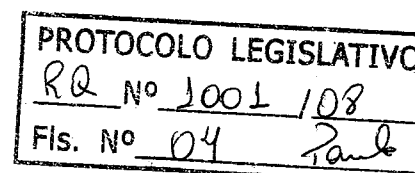
'A violência conseguiu impor a sua lei do silêncio', explica Miriam Abramovay, coordenadora da pesquisa da Unesco. A evidência está nos dados: 53,2% dizem 'não saber' se gangues atuam na escola e 61,2% afirmam 'não saber' se ali há tráfico de drogas. 'O pânico é tamanho que fica mais fácil fingir que não há nada acontecendo', diz.

'Todo o problema do fracasso escolar vem não só da qualidade do ensino mas também daquilo que ocorre no cotidiano escolar', diz. 'A escola não funciona. E não está organizada nem preparada para receber a população que passou a frequentá-la com a democratização do ensino', afirma Abramovay. Para ela, a violência aumentou à medida que o ensino se democratizou e a escola de hoje não tem mecanismos de resolução de conflitos.

Para a educadora Elvira de Sousa Lima, que trabalha com professores na área de déficit de aprendizagem, os profissionais que lecionam em regiões como a das favelas, no Rio, já estão tão acostumados com a rotina que não atrapalha o fazer pedagógico. 'Eles convivem com tiroteios e mortes e trabalham questões como respeito, tolerância e solidariedade.'

A pesquisa detectou uma grande banalização da violência, especialmente na rede pública. 'Tudo parece fazer parte do cotidiano. A escola vira espaço de ninguém.'

Alunos perdem medo de repetir



Concursada há dez anos, a professora de português Adriana, 36 (o nome é fictício), diz já ter tirado duas licenças, alegando motivos médicos, em razão da violência sofrida na escola estadual onde leciona, no bairro do Ipiranga, periferia de Ribeirão Preto (SP)

Para ela, um dos motivos da vitimização dos professores foi a implantação da progressão continuada. 'Eles perderam o medo de repetir de ano. Não há o menor respeito pelo professor.'

Para Juçara Dutra Freire, do CNTE, a progressão automática pode 'tangencialmente' ajudar na falta de disciplina de alguns alunos, mas não é a principal causa de violência dentro das escolas. 'Não é uma causa muito forte. Será que se voltássemos ao que era antes, a violência diminuiria?'

Resultados

Um programa que tem apresentado resultados positivos na diminuição da violência é o Escola Aberta, elaborado pela Unesco em parceria com o MEC (Ministério da Educação), que mantém as instituições abertas nos finais de semana e promove atividades culturais e esportivas para alunos, pais e para toda a comunidade.

Segundo a Secretaria Estadual de Educação, que implementou o programa na rede com o nome Escola da Família, após um ano de funcionamento a violência contra o patrimônio havia diminuído 29%, e a violência contra a pessoa tinha sido reduzida em 27% nas escolas.

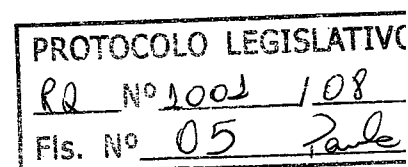
Exclusão social é principal causa

Pesquisadores e sociólogos apontam como principal razão da violência nas escolas a própria exclusão social. De acordo com a publicação, também da Unesco, 'Violência nas Escolas e Políticas Públicas', de 2002, enquanto nas escolas de elite, ou de classe média, os comportamentos de risco (como o abuso de drogas) são mais freqüentes, o comportamento agressivo, a violência física e os ataques a adultos são mais comuns nas escolas das classes trabalhadoras.

Para Juçara Dutra Vieira, 54, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, a violência dentro da escola é só um reflexo das desigualdades sociais de um país marcado pela competitividade e supremacia de uns sobre os outros. 'Ela [a violência] está na sociedade e só é reproduzida na escola.' Nesse contexto, para lidar com a violência é necessário enfrentar a exclusão e a desigualdade social.

Segundo Miriam Abramovay, coordenadora da Pesquisa da Vitimização da Unesco, a violência aumentou nas escolas justamente quando se deu o processo de democratização do ensino, ou seja, quando os jovens excluídos passaram a freqüentar as escolas.

'Os professores, acostumados a uma elite na sala de aula, estão completamente despreparados e desamparados para a democratização.' Para ela, 'a sociedade é tão excludente que a escola se tornou um retrato disso, e a violência faz parte dele.'
(Folha de SP, 30/8)



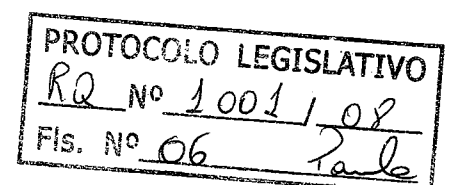
Sinpro/DF: campanha contra violência nas escolas mobiliza entidades**Por: Sinpro-DF**

Publicado: 05/06/2008 - 17:24

O combate à violência nas escolas é uma tarefa que deve unir toda a sociedade. Essa certeza levou o Sinpro-DF, a CUT-DF e a CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação) a anunciar uma campanha que buscará o engajamento de entidades e organizações na implementação de ações que combatam a violência que atinge a comunidade escolar. Após reunião na tarde da última segunda-feira (2) com o diretor da Polícia Civil, Cleber Monteiro, a presidente da CUT-DF e diretora do Sinpro, Rejane Pitanga, adiantou ainda que o sindicato irá criar um disque-denúncia para que as pessoas possam denunciar ameaças ou casos de violência nas escolas e seus arredores.

"Pretendemos atuar preventivamente, pois hoje o que vemos são casos com o do professor Valério Mariano, que vinha sendo ameaçado há tempos sem que nada fosse feito. É uma verdadeira tragédia anunciada, que só não teve resultados mais trágicos por pura sorte", afirmou ela. A data provável para o lançamento da campanha é o dia 17 de junho. Ainda nesta semana as escolas públicas de Ceilândia devem fazer uma manifestação contra a violência pelas ruas da cidade.

Na reunião com o diretor ficou acertado que a Polícia Civil disponibilizará dados de uma análise feita no ano passado sobre a violência nas escolas em cada cidade, para subsidiar a estratégia das ações localizadas. A respeito do processo de apuração da agressão sofrida pelo professor da Ceilândia, a direção da Polícia Civil disse que o inquérito está na fase de ouvir as testemunhas. Os dois rapazes acusados da agressão, Laerte Furtado, 21 anos e ex-aluno do professor, e Leonardo Alves, 19 anos, foram autuados por lesão corporal e estão sujeitos a uma pena de três meses a um ano de cadeia.

Central Única dos Trabalhadores

DF: mais violência nas escolas



05 junho 2008

No Distrito Federal, oito docentes da rede pública são agredidos. Categoria se mobiliza

fonte: Jornal de Brasília (05.06.2008)

A crescente violência contra professores assusta a categoria. Ontem, mais oito docentes estiveram envolvidos em casos policiais. Seis foram assaltados, quando saíam de um colégio do Paranoá. Uma foi agredida por um aluno de 14 anos, em uma escola de Ceilândia. Na mesma cidade, outro professor sofreu ameaça de morte. O acusado também tem por 14 anos. Na semana passada, um professor foi agredido a socos e pontapés, por um ex-aluno e seu primo. A agressão aconteceu também em uma escola de Ceilândia.

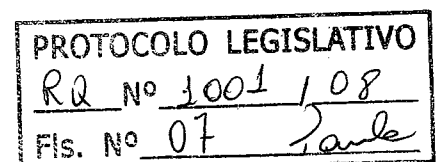
O assalto ao grupo de professores, ontem, ocorreu por volta das 12h. As vítimas saíram do Centro de Ensino Fundamental 1 de Itapoã, que funciona dos fundos do Centro de Ensino Médio 2. Pretendiam almoçar em um restaurante próximo à escola e retornar para o segundo turno. Mas, no momento em que deixaram as dependências do colégio, foram surpreendidos por dois assaltantes armados. Com uma pistola na mão, um dos criminosos anunciou o roubo e exigiu os celulares dos professores.

Mesmo cumprindo a determinação do criminoso, o professor Marcos de Oliveira Reis, foi agredido a socos, pontapés e coronhadas. Para que o ladrão parasse com a violência física, outro colega dele, que pediu não ter o nome divulgado, ofereceu dinheiro aos bandidos. Os assaltantes fugiram em uma bicicleta e entraram em um parque ecológico, que fica nas proximidades da escola.

Agentes do Batalhão Escolar e da 10ª Companhia de Polícia Militar Independente (CPMInd) do Paranoá fizeram rondas no local mas, até o fechamento desta edição, não havia localizado os criminosos. O caso está sendo investigado pela 6ª DP (Paranoá). Um policial, que pediu o anonimato, afirmou que o delegado-chefe e o delegado de plantão não poderiam passar informações sobre o assalto e a falta de segurança na cidade.

Adolescentes viram algozes

Os outros dois casos de violência contra professores, ocorridos ontem, foram parar na Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA II), de Ceilândia Centro. O delegado de plantão, Paulo Henrique Alencar, afirma que, em média, seis casos de agressões e ameaças a docentes são registrados, por semana, na delegacia.



Segundo Alencar, em um dos registros, o estudante de 14 anos negou a agressão contra a professora. Porém, as provas e as informações de testemunhas divergem com o relato do aluno.

A DCA II instaurou procedimento pelo ato infracional praticado pelo adolescente. Ele terá uma audiência com a Promotoria de Infância, que vai decidir qual medida socioeducativa será adotada. O outro caso registrado ontem, o de ameaça de morte, será investigado.

Categoria recessa

De acordo com Tião Honório, diretor do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro), faltam limites e os alunos não estão respeitando mais os docentes. Representantes da categoria e da Central Única dos Trabalhadores (CUT-DF) se reuniram com diretores da Polícia Civil para encontrar uma solução contra as agressões.

Um disque-denúncia deverá ser criado. Nele, os professores vão poder revelar os casos de violência sem serem identificados. A polícia ainda vai elaborar um mapa dos locais mais perigosos.

Dirigentes do Sinpro e da CUT estiveram, ontem de manhã, no Centro de Ensino Fundamental (CEF) 4, na QNM 21/23 de Ceilândia, onde o professor de História Valério Mariano, de 41 anos, foi espancado na última quinta-feira, pelo ex-aluno da escola, Laerth Furtado dos Santos, de 21 anos, e pelo primo dele, Leonardo Henrique Alves Pereira, 19. A comitiva conversou com os professores e alunos. Depois, eles foram ao Centro de Ensino 3, onde um dos agressores estuda.

Os professores decidiram fazer uma passeata, partindo da Administração Regional de Ceilândia e chegando à Regional de Ensino. Eles vão reivindicar segurança e pretendem trabalhar a violência nas escolas, para sensibilizar os alunos, mostrando que as agressões não podem se tornar comum. A manifestação está marcada para amanhã, a partir das 9h.

Uma professora de Artes Cênicas do Centro de Ensino 3, que ensaia a peça O Pagador de Promessas com os alunos, disse que alguns adolescentes, declaradamente, não querem mais ser pessoas de bem. "É uma questão de cultura, aliada à desestrutura familiar e à falta de ocupação", acredita a docente.

Comentários

Adicionar Pesquisar RSS

Escrever comentário

Powered by JoomlaComment 3.20

[< Anterior](#)

[Próximo >](#)

PROTOCOLO LEGISLATIVO
RQ Nº <u>1001/08</u>
Fis. Nº <u>08</u> <i>ab</i>

ÚLTIMAS NOTÍCIAS



04/06/2008 - 18h51

DF vai instalar câmeras para diminuir violência nas escolas**Da Redação
Em São Paulo**

Escolas públicas do Distrito Federal terão câmeras de vídeo em corredores, pátios e outras áreas fora das salas de aula. O objetivo é diminuir os gastos que o vandalismo (pichações e furtos são os mais frequentes) traz para a rede - R\$ 13 milhões anuais, segundo a Secretaria de Educação do DF.

Segundo José Luiz Valente, secretário da pasta, "serão necessárias 1.200 câmeras para atender as 617 escolas espalhadas por Brasília e as cidades satélite".

Ainda não há data definida para o início das instalações - "devem acontecer até o fim deste ano", disse o secretário da pasta, José Luiz Valente. Ele aguarda o fim do processo de licitação.

Valente diz que as escolas definirão onde instalar os aparelhos, mas que não será permitido "nem dentro de banheiros, nem em sala de aula, para manter a privacidade de alunos e professores".

O orçamento previsto para a manutenção e implantação dos equipamentos é de R\$ 9 milhões anuais - valor menor que o trazido pelas depredações nas escolas.

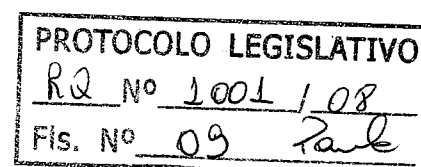
O secretário defende o uso das câmeras também para coibir a violência. Na última quinta-feira (29), um professor foi espancado na saída da escola em Ceilândia (DF).

Por iniciativa própria, em quatro escolas públicas do DF já funcionam circuitos interno de TV. Em uma delas, o Centro de Ensino Fundamental 8 de Taguatinga "não houve mais pichações dentro da escola desde a instalação do sistema, em 2005", segundo Silvana Andrade, diretora da escola.

Para Andrade, "as 11 câmeras instaladas na escola intimidam atos de vandalismo e melhoram a disciplina entre os alunos".

O Sindicato dos Professores do DF, que organiza nesta semana manifestações contra violência nas escolas, faz ressalva às medidas. "A comunidade precisa ser ouvida, opinar sobre onde as câmeras serão instaladas, sem isso, parece que nós somos os réus", disse o professor Carlos Garibel, diretor do sindicato.

Copyright UOL. Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução apenas em trabalhos escolares, sem fins comerciais e desde que com o devido crédito ao UOL e aos autores.



Agressão a professor do DF será denunciada à Secretaria de Direitos Humanos



A Diretoria Executiva da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) decidiu denunciar o caso do professor de História, Valério Mariano, agredido no Distrito Federal, à Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, às organizações nacionais e internacionais da área dos direitos humanos e à Internacional da Educação. O professor Valério foi barbaramente agredido por um ex-aluno e por um outro rapaz em frente ao Centro de Ensino Fundamental 04 da Ceilândia, cidade do Distrito Federal, no último dia 29 de maio.

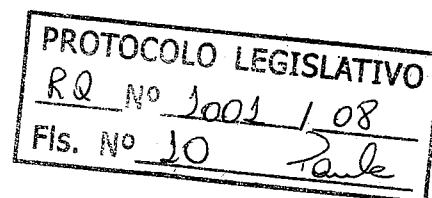
A CNTE, ao divulgar moção de solidariedade, repudia o ato covarde cometido contra o professor, ao mesmo tempo em que alega que o fato poderia ter sido evitado caso o Estado tivesse políticas públicas eficientes nas áreas educacional, social e de segurança pública.

Como este não é o primeiro caso, neste ano, de violência contra educadores no Distrito Federal, a CNTE defende a necessidade de o governo local construir políticas que possibilitem a inclusão e criem perspectivas para os jovens. Segundo a CNTE, não se pode aceitar que os educadores e alunos tenham que conviver com a insegurança crescente no ambiente escolar.

A CNTE, a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e o Sinpro (Sindicato dos Professores do Distrito Federal) irão lançar uma campanha pedindo o engajamento de entidades e organizações para que promovam ações que combatam a violência na comunidade escolar. Além disso, o Sinpro criará um disque-denúncia para que as pessoas denunciem ameaças ou casos de violência nas escolas.

04.06.2008

Fechar janela





Contra a violência nas escolas

Hoje de manhã, professores de Ceilândia fizeram um protesto contra a insegurança. A manifestação foi em frente à escola onde um professor foi agredido por um aluno, na semana passada.

Oito dias depois do professor Valério Mariano dos Santos ter sido agredido por um ex-aluno, o **DFTV** não encontrou nenhum policial na porta do Centro de Ensino Fundamental N° 04 de Ceilândia.

“Eles só aparecem no horário que eles querem, no dia que eles querem. Ultimamente, o colégio está uma bagunça. Não tem segurança, não tem nada”, contou o estudante Thomas Gutemberg Pereira, 13 anos.

Um soldado só chegou depois da equipe de reportagem. A diretora confirmou que o policiamento foi reforçado, mas reclamou: é só por enquanto. “Nós fomos comunicados, pelo Batalhão Escolar da PM, que é um policiamento temporário. É só até passar essa fase”, disse a diretora da escola Francisca Dantas.

“Isso é só no começo. Em poucos dias não vai ter mais ninguém para garantir a nossa segurança. A nossa escola sempre é esquecida”, reclamou a estudante Esteffannie Mendes, 13 anos.

O professor Valério Mariano foi espancado por um ex-aluno, dentro e fora da escola. A insegurança ronda outras cidades. Esta semana uma professora foi agredida em Taguatinga e seis professores foram assaltados na porta de um colégio no Itapoã.

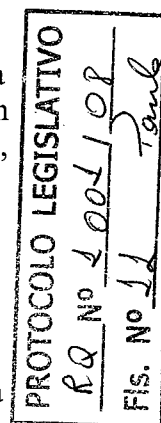
Todos pedem paz. Mas como pensar em ordem, progresso, acuados desse jeito? “Quando entra na sala de aula, o professor precisa de tranquilidade para poder repassar o conhecimento. Ele não tem que ficar preocupado com a segurança da escola. Essa questão tem que ser resolvida pela polícia”, lembrou a professora Eunice Rodrigues.

“Muitos alunos trazem cigarros, armas e até facas para a escola”, denunciou o estudante Jonathan Ribeiro, 14 anos.

Cansados de reclamar e esperar por providências, alunos, pais, professores e servidores de várias escolas de Ceilândia fizeram, nesta sexta-feira, um protesto por mais policiamento e em defesa da educação como um todo.

Com cartazes e faixas o grupo demonstrou indignação. Por último, deu um abraço simbólico na escola. “Nós queremos cobrar das autoridades não só a questão da segurança. É preciso toda uma estrutura de apoio para que os alunos voltem a se encantar e a ver o professor como um grande herói”, ressaltou a diretora do Sindicato dos Professores, Eliceuda França.


O comandante do Batalhão Escolar da PM disse que não é possível manter um policial fixo em todas as 619 escolas públicas do Distrito Federal. Ele pediu a colaboração de todos para denunciar. “Não havendo registro, não se tem conhecimento do fato, não se tem o mapeamento do problema e também não há a intervenção necessária, com a aplicação das medidas judiciais”, destacou o tenente-coronel



Garcia.

“Temos que reivindicar nossos direitos para melhorar a nossa educação. Só com educação a gente vai pra frente”, insistiu a estudante Stephane da Silva, 14 anos.

Rita Yoshimine / Luís Ródnei

Imprimir 

[© Copyright 2008 - Globo Comunicação e Participações S.A.] | [Política de Privacidade]

